

Um discurso sem gravata. Pode?

Esse foi o principal tema de ontem na Constituinte, depois que um deputado do PT foi à tribuna assim.

Ontem foi uma tarde de curiosidades na sessão da Constituinte: um deputado subiu à tribuna sem gravata e discursou; outro passeou várias vezes dentro do plenário com o filho de aproximadamente três anos de idade; e, finalmente, uma deputada escorregou e se estatelou no chão.

Quem subiu à tribuna sem gravata foi o deputado Gumerindo Milhomem (PT-SP), o mesmo que, dias atrás, em sua estréia, queria, à força, que os constituintes, em plenário, parassem de conversar para ouvi-lo.

Ele já estava falando, conclamando os parlamentares do seu grupo a mobilizar o povo para fazer pressão sobre a Constituinte, quando o presidente da sessão, o deputado Humberto Souto (PFL-MG), advertiu para o fato de que o orador estava de paletó, mas sem gravata.

Humberto Souto ficou um momento sem saber o que fazer. Ouviu seus assessores e depois resolveu apressar o término do discurso, fazendo soar repetidas vezes a campainha. Chegou a desligar o microfone, mas no momento em que o orador concluía o discurso. A seguir, dirigindo-se ao plenário, disse que não mais será admitida a presença, na tribuna, de constituinte que não esteja "trajado como determina o regimento".

"Em que dispositivo regimental V. Exa. se baseia? — perguntaram-lhe os deputados Amaury Müller (PDT-RS) e Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP), assinalando não haver dispositivo regimental que exija uso de gravata. "Eu me baseei nas normas regimentais e nos



A tarde de ontem, na Constituinte, teve de tudo: até um menino de dois anos, filho do deputado Cunha Lima (PMDB-PB). Na foto menor, Gumerindo Milhomem, do PT, discursa sem gravata.

costumes parlamentares" — explicou o presidente da sessão.

"Mas os usos e costumes mudam com o tempo" — insistiu Plínio de Arruda Sampaio. "V. Exa. mesmo, com esse paletó e gravata, não estaria adequadamente trajado para presidir uma sessão em 1840 ou 1805. Os trajes eram muito mais cerimoniais. Vestido assim, teria escandalizado meu avô."

"Essa discussão sobre o uso ou não da gravata" — disse, por sua vez, Virgílio Guimarães (PT-MG) — "mas uma vez demonstra que esta Assembléia vem, seguidamente, se desviando do seu objetivo central".

Mal havia terminado esse episódio, o deputado Cássio Cunha Li-

ma (PMDB-PB), de 23 anos, trazendo pela mão um filho de aproximadamente dois anos de idade, cumprimentou alguns deputados, conversou um pouco e saiu, sem que Humberto Souto — distraído com a leitura de um documento — tivesse notado. Mas pouco depois Cássio voltou e andou pelo corredor central. O menino soltou-se de sua mão, caminhou entre as bancadas, foi tomado no colo por um dos constituintes — e então, como os fotógrafos já estivessem em ação, Humberto Souto teve sua atenção despertada. Fez com a cabeça sinais de desaprovção, mas como o deputado já ia saindo não tomou nenhuma providência (durante as

sessões, somente os constituintes podem transitar entre as bancadas). O deputado, porém, na saída, ainda posou para fotógrafos e, a pedido de um cinegrafista, caminhou por uma das laterais do plenário.

Aí foi a vez da deputada Márcia Kubitschek (PMDB-DF), que ao passar pela frente do plenário pisou na rampa da mesa — obra de Oscar Niemeyer, de quem seu pai foi muito amigo — desequilibrou-se e foi ao chão. Essa rampa já fez muitos outros parlamentares perderem o equilíbrio.

Gravatas

A gravata — segundo o senador Afonso Arinos (PFL-RJ) um adorno surgido pela primeira vez num desfile de oficiais croatas diante de Luiz XIV, no século XVIII — tem, na verdade, defensores e inimigos ardorosos na Constituinte. Um exemplo é o jovem senador José Fogaça (PMDB-RS), que nunca deixou de usá-la, "porque não quero que o conteúdo de minhas propostas fique comprometido com a análise do meu comportamento pessoal". E considera o deputado Aluisio Paraguaçu (PDT-RS) uma "vítima de processo trágico ao se deixar fotografar sem camisa numa cabine telefônica da Câmara, depois do que nunca mais conseguiu dizer nada sem que o fato fosse lembrado".

Já Paraguaçu lembra com humor que "o fato me abriu as portas de todas as repartições. O pessoal, depois daquilo, me recebia com festas". Para ele, "o povo não gosta de gravata e é sempre discriminado por estar mal vestido".

COMISSÕES

O PFL quer todas as presidências. O PMDB acha graça. (Recomeça o confronto.)

O líder do PFL na Câmara, José Lourenço, reafirmou ontem disposição já anunciada pelo seu colega do Senado, Carlos Chiarelli, de que a Frente Liberal deve ficar com as presidências das oito comissões constitucionais temáticas e da comissão de sistematização, numa ofensiva contra a pretensão do PMDB, segundo eles, de ficar com todos os nove cargos de relator nessas comissões.

Essa pretensão do PFL foi recebida com ironia pelo líder do PMDB na Câmara, Luís Henrique: "Uma coisa é eles pretenderem, outra, eles conseguirem", Henrique negou que o PMDB queira ficar com todos os cargos de relator, afirmando que isso ainda não foi discutido a nível de partido nem com as outras lideranças na Constituinte. O deputado Miro Teixeira (PMDB-RJ), coordenador da divisão das comissões, informou que ao PMDB caberão cinco presidências

e cinco cargos de relator nas comissões.

Nessa divisão de forças entre PMDB e PFL, numa guerra surda que ainda não começou, os prejudicados serão os pequenos partidos, pois — pelo menos no entender de José Lourenço — a essas pequenas agremiações caberão as vice-presidências de comissões e algumas presidências e cargos de relator de subcomissões. Partidos como PDT e PT já estão conformados com essa posição minoritária e querem cargos apenas nas subcomissões, sabendo que não podem lutar contra o poderio da Aliança Democrática.

A bancada do PMDB na Câmara e no Senado escolherá na próxima quarta-feira o líder do partido na Constituinte e os candidatos à Mesa da Assembléia. Ontem, o presidente do partido e da Constituinte, Ulysses Guimarães, reuniu-se

no início da noite com os líderes Carlos Sant'Anna, Luís Henrique e Fernando Henrique Cardoso para discutir o assunto. Antes, Ulysses, já havia conversado com o senador Mário Covas — ele queria evitar a disputa pela liderança na Constituinte, mas não conseguiu demover nem Mário Covas nem Luís Henrique de suas candidaturas.

O senador Mário Covas, perguntado se confirmava sua candidatura, respondeu não ter necessidade de reafirmá-la: "Senão acaba igual à soberania da Constituinte — de tanto o partido reafirmar, acabou como acabou".

Luís Henrique, entretanto, disse que, se sua liderança na Câmara não for confirmada para a Constituinte, ele se considerará destituído do cargo: "Não fui eleito líder para ter gabinete e automóvel. Se meu nome não for confirmado, seerei o primeiro líder destituído do PMDB", afirmou, lembrando que

sempre vinculou sua candidatura à liderança na Câmara à ocupação do mesmo cargo na Constituinte: "Foi por isso que lutamos pela hibernação da Câmara", concluiu.

Um dos políticos mais ligados ao senador Mário Covas comentou que "vai ser muito pesado ao partido derrotar Mário Covas". Senadores e deputados peemedebistas, entretanto, acreditam que Ulysses Guimarães usará contra o senador paulista todo o peso político utilizado, no mês passado, para derrotar Fernando Lyra na disputa pela presidência da Câmara. Mário Covas viajará na próxima segunda-feira, de São Paulo a Brasília, em companhia de Ulysses Guimarães, que o convidou.

Para a Mesa da Constituinte, disputam os cargos de 1º vice-presidente o senador Mauro Benevides (CE) e de secretários os deputados Marcelo Cordeiro (BA) e Eulides Scalco (PR).